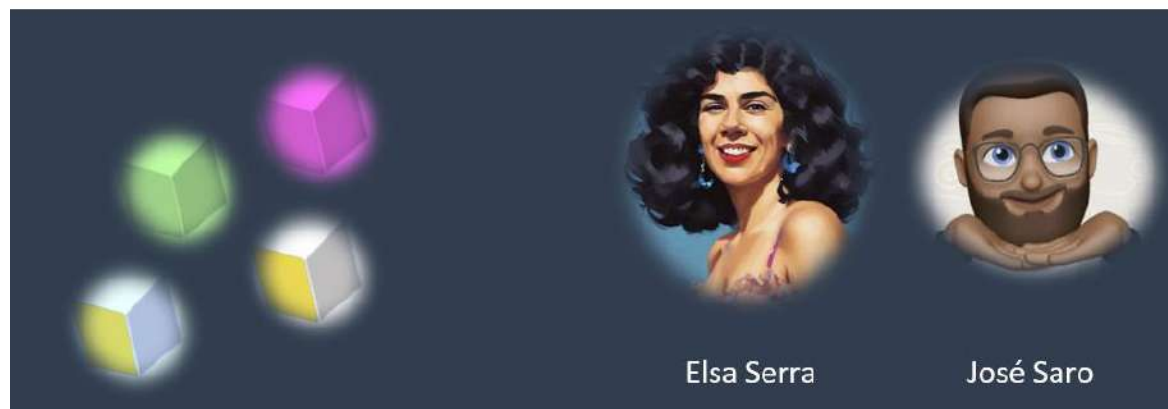


## HISTORIAS IGUAIS COM FINAIS DIFERENTES



**Dimensão científico pedagógica para os grupos  
200, 210, 220, 300,320, 330, 340 e 350**

e-learning: 25 horas

*«A EDUCAÇÃO PELA LEITURA É UM BOM EXEMPLO DE FORMAÇÃO  
INCLUSIVA ENQUANTO OBJETIVO EDUCATIVO QUE PROMOVE A EQUIDADE  
PARA A PROMOÇÃO DO SUCESSO EDUCATIVO DE TODOS.»*



# mia couto

O Caçador  
de Elefantes  
Invisíveis

contos

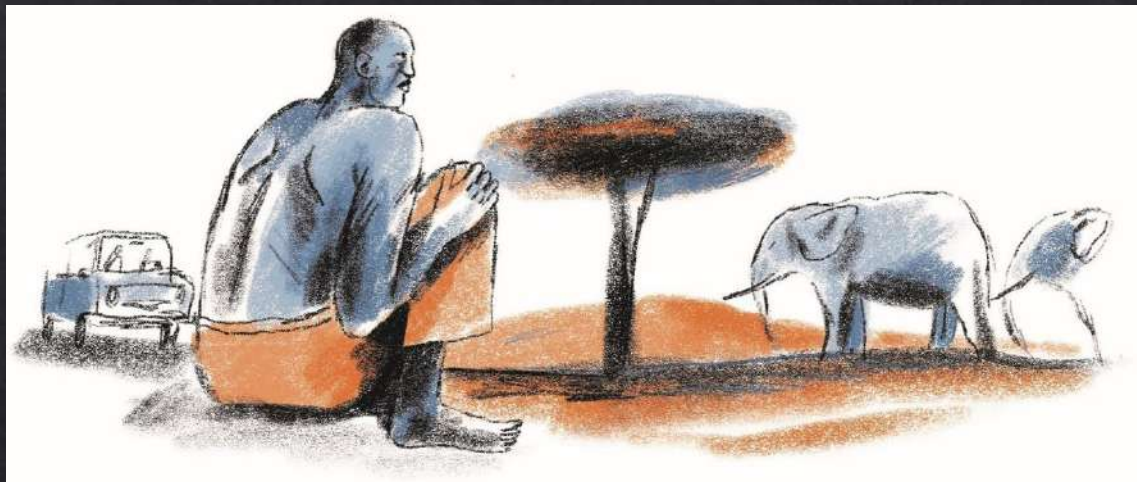


IMAGEM DA REVISTA  
Visão-

11 PÁGINAS PUBLICADAS

[https://www.google.pt/books/edition/O\\_Ca%C3%A7ador\\_de\\_Elefantes\\_Invis%C3%ADveis/BcZHEAAAQBAJ?hl=pt-PT&gbpv=1&pg=PT6&printsec=frontcover](https://www.google.pt/books/edition/O_Ca%C3%A7ador_de_Elefantes_Invis%C3%ADveis/BcZHEAAAQBAJ?hl=pt-PT&gbpv=1&pg=PT6&printsec=frontcover)

## O vice-viajante

Sou de Quionga, onde termina o rio e começa o mar. Nasci no dia em que, num improvisado mastro da Administração, içaram a bandeira de Moçambique. Logo ali, uns passos acima, a terra tem outro nome. Chama-se Tanzânia. Parte da minha família veio de lá, do outro lado da fronteira.

Estou a fugir por causa da guerra. Vou para um destino que não conheço. Para mim, esse destino chama-se Vida. Para trás ficaram os meus pais, que foram mortos pelos terroristas. Cortaram-lhes a cabeça, os braços e as pernas. Escapei porque pensaram que não havia mais ninguém dentro da casa, que incendiaram ao mesmo tempo que gritavam «Allahu Akbar». Gritavam «Deus é Grande» e eu, que sou muçulmano, pensei na grandeza de Deus enquanto, numa mesma cova, juntava os restos dos meus pais.

Assim que tudo voltou ao silêncio, meti-me pelos caminhos onde só andam os bichos. Deambulei durante horas. Desde o início estranhei o peso dos meus pés. Por que razão me cansava tanto, se viajava sem nenhum dos meus pertences? E pensei: levo o rio dentro das mãos.

Cheguei à estrada e cruzei com um camião que transportava madeira. O camionista deteve-se para me dar boleia. Antes que eu fizesse menção de entrar o homem estendeu-me um pano e mandou que cobrisse o rosto e o amarrasse por trás da nuca. Recusei. Hesitei. Eu vinha de uma matança em que os soldados estavam todos mascarados. Os panos desses assassinos eram negros. Mas eram panos. E era gente sem rosto.

O motorista levantou o braço a apressar a minha decisão: ou era como ele mandava ou ele me deixava ali apeado. Obedeci. Instalei-me ao lado do condutor e ele pôs o veículo em marcha antes mesmo que eu fechasse a porta.

— *Estás a saltar da panela para a fogueira* — avisou ele.

Não entendi. E nada perguntei. O camião avançava a uma tal velocidade que alguns troncos foram tombando com aparato. Quando, finalmente, chegámos ao asfalto, o motorista suspirou e confessou que o melhor seria suspender a sua atividade até que a paz chegasse.

— *Esta guerra ainda está longe de terminar e já perdi a conta das pessoas que salvei* — disse ele.

**1 DE NOVEMBRO**

**17H**

**APRESENTAÇÃO**  
**DE O CAÇADOR**  
**DE ELEFANTES**  
**INVISÍVEIS**  
**COM**  
**MIA COUTO**

**INDIE.**  
NOT A BOOKSHOP

LOUNGE LITERÁRIO  
THE CHAPTER  
FORTALEZA  
DA CIDADELA DE CASCAIS  
AV. DOM CARLOS I  
2750-310 CASCAIS

E acrescentou, apontando para as traseiras da viatura:

— *Trouxe-os na carroçaria, sobre o tejadilho, sentados em cima dos troncos, só falta virem dentro do motor.*

— *E onde me vai deixar?* — perguntei.

— *Vou deixar-te num campo de refugiados que acabaram de construir perto da cidade.*

O restante caminho fez-se entre silêncio e poeira. Observei as duas bermas da estrada e pensei como a guerra e a doença caminham juntas, como os dois braços de um mesmo corpo. Olho para o meu lado: o motorista não quer ser vencido pelo sono. Pede-me que o distraia. Foi então que me ocorreu relatar um episódio ocorrido na minha família. E conto essa história ao motorista como se, ao desfiar essa lembrança, a minha casa ressurgisse das cinzas.

Há cinco décadas, quando veio a epidemia da varíola, a aldeia do meu avô ficou deserta. Mais do que deserta: amaldiçoada. Os pés de quem a visitava convertiam-se em pedra. Uma aldeia sem gente deixa de ter céu: as nuvens desabam no chão, brancos panos sem uso.

E sucedeu aos vivos o que acontece com os falecidos: ninguém mais podia dizer o seu nome. Quem trouxe essa doença?, perguntavam os aldeões, surpresos. As doenças não se trazem, disse o meu avô. Acendem-se. É como o fogo: a palha já lá está, o fósforo chega sem sabermos como.

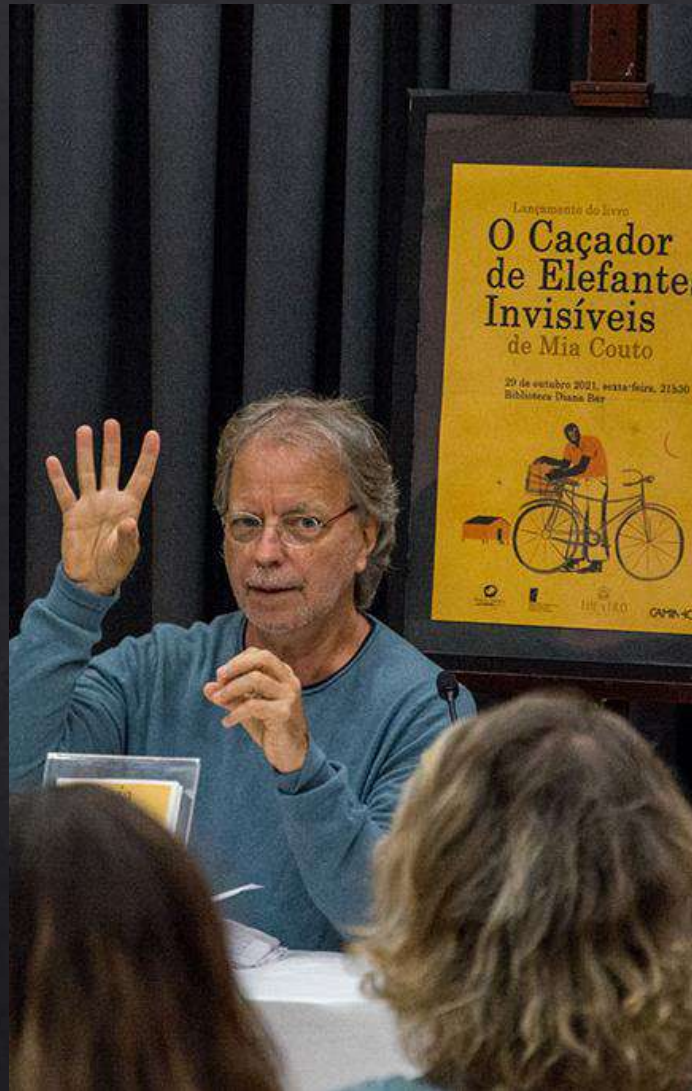
Na altura ninguém deu conta, mas a epidemia veio junto com a guerra. E ninguém se apercebeu

porque essa guerra era entre ingleses, portugueses e alemães. E aconteceu assim: os primeiros europeus que visitaram a nossa aldeia foram os alemães. Esses alemães eram brancos, mas de outra raça, tinham descido por outros mares, de portos mais longínquos. Passaram mais tempo no mar e, por isso, traziam os olhos mais azuis e os cabelos mais deslavados.

Quando se instalaram em Quionga, esses estrangeiros olharam o rio e acharam-no muito largo. Mandaram que os habitantes do lugar estreitassem o rio. Os aldeões deixaram a tarefa para a noite. Iriam executar esse trabalho enquanto estivessem a dormir. Durante o sono, os homens saíram dos seus corpos e empurraram as margens do rio, que se foram estreitando até que, num certo ponto, elas se tocaram. Assim, os brancos, sem pontes nem barcos, venceram o leito do rio.

— *Continue a história, gosto desse enredo, parece cinema* — afirmou o motorista, enquanto encostava o camião na margem da estrada. Parámos por debaixo da sombra de uma grande acácia, mas não saímos da viatura, por razões de segurança.

Fechei os olhos como se assim, na penumbra, me chegasse melhor o relato que escutei do meu avô. E regresssei aos episódios desses tempos antigos. A verdade é que, depois de um tempo, os alemães mandaram que a nossa gente voltasse a alargar o rio. Havia uma guerra e eles tinham medo de que os ingleses os cercassem a partir da margem Norte.



Queriam fazer do rio Rovuma uma fortaleza. Derrubaram todas as pontes e queimaram todos os barcos. O rio foi reposto no seu antigo lugar. Os alemães ali se mantiveram instalados, como se fossem donos do mundo. Quem tem armas pode mandar nas pessoas. Mas não pode mandar nos rios nem no mar.

E foi pelos rios e pelo mar que, numa certa noite, chegaram os atacantes. Deu-se uma grande batalha. Morreram muitos soldados europeus. Os seus corpos foram levados pelo rio e arrastados pelas correntes marinhas. À medida que eram engolidos pelas águas, esses europeus convertiam-se em peixes. Nos dias seguintes as crianças de Quionga recolheram milhares de escamas que brilhavam sobre a areia branca. Os meninos e as meninas colocaram as escamas sobre os ombros, esperando que uma outra raça lhes fosse concedida.

Foi assim, dizem, que a doença se espalhou. A pele das crianças ficou coberta de escamas, as mães coçavam o corpo dos filhos e as crostas saltavam como se estivessem a preparar peixe. Morreu muita gente, dizem mesmo que morreram todos os habitantes. Os que escaparam foi porque, sem sobreviventes, a própria morte teve medo de morrer. Assim, uns tantos foram devolvidos à vida. O primeiro a regressar foi o meu avô. E é por isso que ele nunca se cansou de perpetuar esta lembrança.

Foi esta a história que contei durante a viagem. Foram várias as paragens no caminho e o dono do

camião perguntou-me se não tinha mais histórias. E inventei coloridos detalhes às lembranças da minha família. Quando me calei estávamos a entrar no campo de refugiados. O motorista despediu-se de mim sem desligar o motor da viatura. Já me tinha instalado numa das dezenas de tendas quando escutei a insistente buzina do camião. Corri para a entrada do campo e vi o motorista acenando.

— *Junta as tuas coisas e vem comigo* — ordenou.

— *As minhas coisas?* — estranhei.

— *Vais ficar em minha casa* — afirmou o motorista. E sentenciou: — *Passas a ser meu ajudante de viagens.*

E ainda hoje é isso que faço: ajudo o motorista a viajar. Sentado a seu lado, vou contando histórias. Há apenas um pormenor: estamos ambos sentados na varanda. O camião está parado, avariado e sem pneus. O motorista há um tempo que está adoentado. A esposa do condutor diz que tudo aquilo são saudades de andar pelo mundo. Mas eu sei que a enfermidade do motorista é verdadeira. Porque sofro da mesma doença. Para nos curarmos vai ser preciso que a estrada volte a ser um rio que leve a guerra e lave a doença.

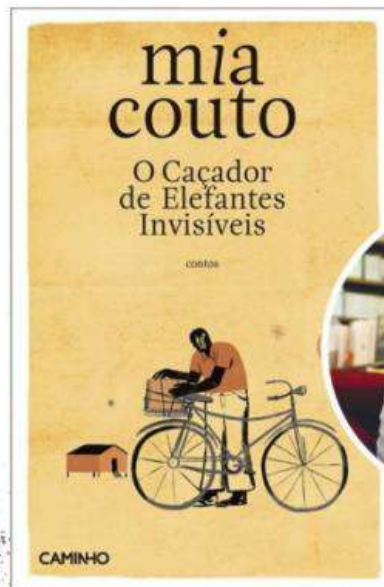
Com as minhas histórias vou empurrando as margens do rio. O motorista agradece a ilusão de uma ininterrupta viagem. No fundo, sou eu que estou grato: cada história minha é uma reza que faço junto à anónima cova onde se deitaram os meus pais.

## APRESENTAÇÃO DO LIVRO

"O Caçador de Elefantes Invisíveis"

de Mia Couto

27 outubro ~ quarta ~ 18h30



com a presença  
da autor



ARQUIVO  
BENS CULTURAIS

## Índice

- Capa
- Ficha Técnica
- Nota do Editor
- Um gentil ladrão
- A imortal quarentena
- O caçador de elefantes invisíveis
- O vestido vermelho
- O observatório
- As pequenas doenças da eternidade
- A fumadora de estrelas
- O meu primeiro pai
- Pássaros cegos
- De reis mortos e águas vivas
- A borboleta
- As mãos, as mães
- As cinzas
- Matar o mar
- Guaparivás
- A culpa
- O vice-viajante
- A outra
- O apeadeiro
- O parto póstumo
- A gota
- A parede
- A libélula
- A alma têxtil
- Colóquio de pedras
- Um país sem nome

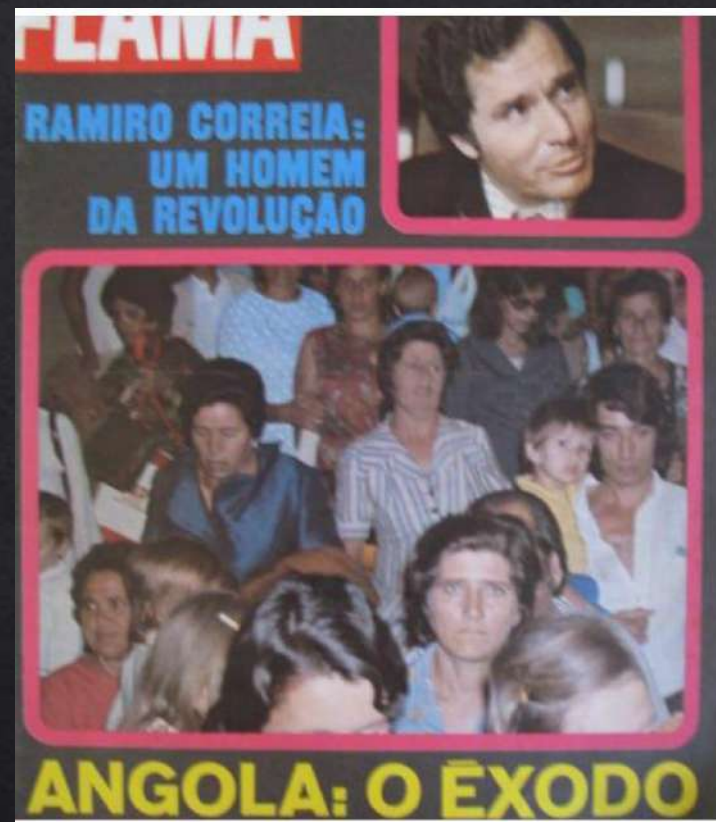


Dulce nasceu em **Trás-os-Montes, em 1964**, ainda bebé foi com a família **viver para Luanda**. As recordações da vida em África agitam o seu universo, sobretudo o regresso a Portugal. De maio a novembro de 1975, foram cerca de 300 mil pessoas que chegaram ao Aeroporto da Portela. Descobrendo assim a sua nova condição, ao chegar a Portugal, tornou-se "Retornada".

**M**as na metrópole há cerejas. Cerejas grandes e luzidas que as raparigas põem nas orelhas a fazer de brincos. Raparigas bonitas como só as da metrópole podem ser. As raparigas daqui não sabem como são as cerejas, dizem que são como as pitangas. Ainda que sejam, nunca as vi com brincos de pitangas a rirem-se umas com as outras como as raparigas da metrópole fazem nas fotografias.

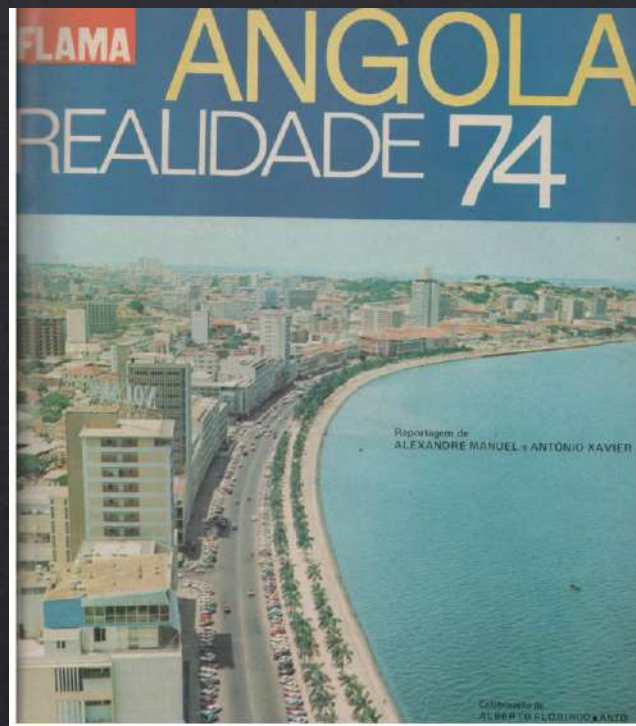
A mãe insiste para que o pai se sirva da carne assada. A comida vai estragar-se, diz, este calor dá cabo de tudo, umas horas e a carne começa a esverdear, se a ponho na geleira fica seca como uma sola. A mãe fala como se hoje à noite não fôssemos apanhar o avião para a metrópole, como se amanhã pudéssemos comer as sobras da carne assada dentro do pão, no intervalo grande do liceu. Deixa-me, mulher. Ao afastar a travessa o pai derruba a cesta do pão. A mãe endireita-a e ajeita as côdeas com o mesmo cuidado com que todas as manhãs ordena os comprimidos antes de os tomar. O pai não era assim antes de isto ter começado. Isto são os tiros que se ouvem no bairro acima do nosso. E as nossas quatro malas por fechar na sala.

Ficamos num silêncio tão cerimonioso que o barulho da ventoinha surge anormalmente alto. A mãe pega na travessa da carne e serve-se com os gestos contidos que costumava usar com as visitas. Quando pousa a travessa na mesa demora a mão sobre a toalha das dalias. Agora já não há ninguém para visitar-nos mas mesmo antes de isto ter começado era raro termos visitas. A minha irmã diz, ainda me lembro do dia em que aquele galo, o galo de louça que está na bancada de pedra mármore, caiu ao chão e lascou a crista. Insistimos em pormenores insignificantes porque já começámos a esquecer-nos. E ainda nem saímos de casa. O avião é um bocadinho antes da meia-noite mas temos de ir mais cedo. O tio Zé vai levar-nos ao aeroporto. O pai vai lá ter depois. Depois de matar a Pirata e de deitar fogo à casa e aos camiões. Não acredito que o pai mate a Pirata. Também não acredito que o pai deite fogo à casa e aos camiões. Acho que diz isso para não pensarmos que eles se ficam a rir. Eles são os pretos. No entanto, o pai comprou bidões de gasolina que estão guardados no anexo. Talvez seja mesmo verdade, talvez o pai consiga matar a Pirata e queimar tudo. A Pirata podia ficar com o tio Zé que não se vai embora porque quer ajudar os pretos a formar uma nação. O pai ri-se sempre que o tio Zé fala na grandiosa nação que se erguerá pela vontade de um povo oprimido durante cinco séculos. Mesmo que o tio Zé promettesse que tomava conta da Pirata não servia de nada, o pai acha que a única coisa que o tio Zé sabe fazer é desonrar a família. E é capaz de ter razão.



Apesar de ser o último dia que passamos aqui, nada parece assim tão diferente. Almoçamos sentados à mesa da cozinha, a comida da mãe continua a não ser saborosa, temos calor e a humidade do caçimbo faz-nos transpirar. A única diferença é que estamos mais calados. Dantes falávamos do trabalho do pai, da escola, dos vizinhos, do aspirador que a mãe cobiçava nas revistas, do ar condicionado que o pai tinha prometido, do Babylliss que havia de alisar os caracóis da minha irmã, de uma bicicleta nova para mim. O pai prometia tudo para o ano que vem e quase nunca cumpria. Sabíamos disso mas ficávamos felizes com as promessas do pai, acho que nos bastava a ideia de que o futuro seria melhor. Antes de os tiros terem começado o futuro seria sempre melhor. Agora já não é assim e por isso já não temos assuntos para falar. Nem planos. O pai já não vai trabalhar, já não há escola e os vizinhos já se foram todos embora. Não haverá ar condicionado, nem aspirador, nem Babylliss, nem bicicleta nova. Nem casa sequer. Estamos calados a maior parte do tempo. A nossa ida para a metrópole é um assunto ainda mais difícil do que a doença da mãe. Também nunca falamos da doença da mãe. Quando muito referimos o saco de medicamentos que está em cima da bancada da cozinha. Se um de nós está a preparar qualquer coisa perto, dizemos, cuidado com os medicamentos. Como acontece com os tiros. Se um de nós vai à janela, cuidado com os tiros. Mas calamo-nos de seguida. A doença da mãe e esta guerra que nos faz ir para a metrópole são assuntos parecidos pelo silêncio que causam.

O pai tosse ao acender mais um cigarro. Tem os dentes amarelos e a casa cheira a tabaco mesmo quando o pai não está. Sempre o vi a fumar AC. O Gegé, quando chegou das férias da metrópole, disse que lá não havia AC. Se for verdade, não sei como o pai vai fazer. Tenho a certeza que é a última das preocupações que o pai tem agora e nem sei para que me ponho a pensar nisso, por que perco tempo com coisas que não têm interesse algum quando tenho tantas coisas importantes em que devia pensar. Mas não consigo mandar naquilo em que penso. Talvez a minha cabeça não seja muito diferente da cabeça fraca da mãe que está sempre a perder-se nas conversas. De vez em quando a mãe pede ao pai para fumar menos mas o pai não a leva a sério, sabe que passado um tempo a mãe esquece-se do pedido como se esquece de quase tudo. As vizinhas zangavam-se com os esquecimentos da mãe, se a D. Glória não fosse como é tínhamos de levar-lhe a mal certas coisas. Mas a mãe é como é e as vizinhas não podiam levar-lhe a mal tudo o que queriam, ainda que não lhes faltasse vontade. Mas não eram só os esquecimentos. As vizinhas também achavam que a mãe não sabia tomar conta de mim e da minha irmã, se nos viam a brincar nos charcos da chuva ou a correr atrás do carro da TIFA, coitadas daquelas crianças que crescem sem eira nem beira. Os pretos corriam atrás do carro, abriam a boca para engolir a névoa que matava o paludismo, mas os brancos não, as vizinhas sabiam que aquele fumo fazia mal e proibiam os filhos como os proibiam de chapinhar na água da chuva por causa da filária. D. Glória, os pretos têm outra constituição e



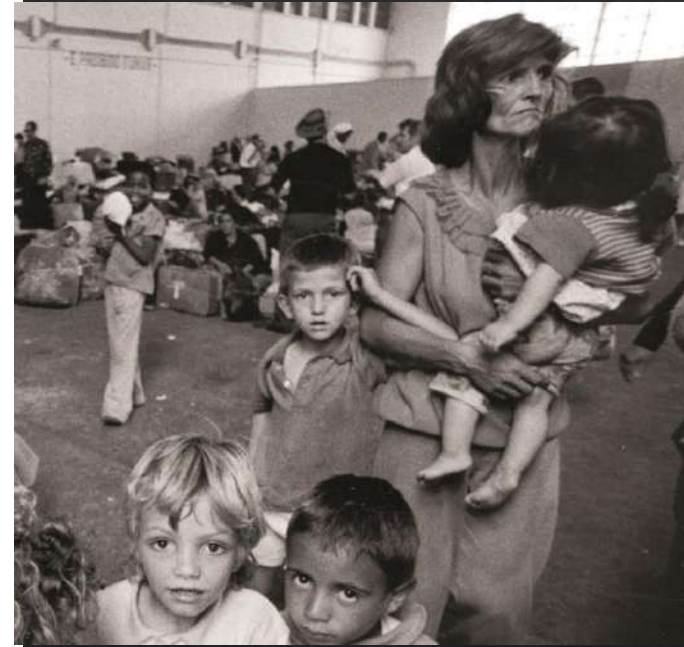
não há neste inferno nada que lhes faça mal, temos de ter cuidado com os nossos, avisavam as vizinhas.

A culpada de a mãe ser assim é esta terra. Sempre houve duas terras para a mãe, esta que a adoeceu e a metrópole, onde tudo é diferente e onde a mãe também era diferente. O pai nunca fala da metrópole, a mãe tem duas terras mas o pai não. Um homem pertence ao sítio que lhe dá de comer a não ser que tenha um coração ingrato, era assim que o pai respondia quando lhe perguntavam se tinha saudades da metrópole. Um homem tem de seguir o trabalho como o carro segue os bois. E ter um coração agradecido. O pai só estudou até à segunda classe mas não há nada que não saiba sobre o livro da vida que, segundo o pai, é o que mais ensina. O Lee e o Gegé gozavam quando o pai se punha a falar do livro da vida e eu tinha de fazer um esforço para não ter vergonha. Deve estar no sangue dos pais fazerem e dizerem coisas que envergonham os filhos. Ou no sangue dos filhos sentirem vergonha dos pais.

Já se foram todos embora. Os meus amigos, os vizinhos, os professores, os donos das lojas, o mecânico, o barbeiro, o padre, todos. Nós também já não devíamos cá estar. A minha irmã acusa o pai de não se importar com o que nos possa acontecer e por vontade da mãe teríamos ido embora há muito tempo, ainda antes do Sr. Manuel. Não acredito que o pai não se importe connosco apesar de não perceber por que ainda não nos fomos embora quando pode acontecer-nos uma coisa má a qualquer momento. Os soldados portugueses já quase não passam por aqui e os poucos que vemos têm os cabelos compridos e as fardas



A mãe verteu o arroz-doce para as taças de vidro cor-de-rosa e quis escrever as iniciais dos nossos nomes a canela mas a mão tremia-lhe. Culpou os comprimidos e tentou outra vez, a canela entre o polegar e o indicador às voltas com as nossas iniciais mal feitas e nem nisso houve diferença, as nossas iniciais também nunca ficavam bem desenhadas nas manhãs de domingos em que vínhamos da praia e tomávamos banho de mangueira ao pé do tanque. A Pirata a patinhar na água que ia escorrendo para os canteiros, as toalhas da praia penduradas no sape-sape, a mãe a gritar da cozinha, cuidado com os meus canteiros, olhem que o sal mata as rosas. A mãe não gosta de sol nem de sal. Gosta de rosas. Os canteiros da mãe têm rosas de todas as cores que a mãe nunca corta, conseguia lá cortar uma rosa, as vizinhas não ligavam ao que a mãe dizia mas abanavam a cabeça, a D. Glória tem cada mania, que mal há em cortar flores, ficam tão bonitas numa jarra. Que o sal não mate as rosas, pedia a mãe, mas por mais que lavássemos tudo o melhor que podíamos havia sempre pontinhos pequeninos a brilhar nos canteiros. O sal acabava sempre por matar algumas rosas.



# 50 anos de Liberdade

*Esta é a madrugada que eu  
esperava/O dia inicial inteiro e  
limpo/Onde emergimos da  
noite e do silêncio/E livres  
habitamos a substância do  
tempo.*

Sophia de Mello Breyner  
Andersen (1974)

[https://www.pnl2027.gov.pt/np4/25deabril\\_2020.html](https://www.pnl2027.gov.pt/np4/25deabril_2020.html)

